



Revista Affectio Societatis  
Departamento de Psicoanálisis  
Universidad de Antioquia  
[affectio@antares.udea.edu.co](mailto:affectio@antares.udea.edu.co)  
ISSN (versión electrónica): 0123-8884  
ISSN (versión impresa): 2215-8774  
Colombia

2012

Ana Paula Britto Rodrigues & Heloisa Caldas

**A INCONSISTÊNCIA LÓGICA DO OUTRO... OU O “ESPÍRITO DA PSICANÁLISE”**

Revista Affectio Societatis, Vol. 9, N° 17, diciembre de 2012

Art. # 15

Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia  
Medellín, Colombia

# A INCONSISTÊNCIA LÓGICA DO OUTRO... OU O “ESPÍRITO DA PSICANÁLISE”

Ana Paula Britto Rodrigues<sup>1</sup>  
Heloisa Caldas<sup>2</sup>

## Resumo

“A essência da teoria psicanalítica é um discurso sem fala”, afirma Lacan, na primeira aula do seminário, livro 16, *De um Outro ao Outro*. A que pode nos remeter o paradoxo desta frase? Já de saída, é possível extrairmos com Lacan a tese de que um significante não pode representar a si mesmo, levando-nos, portanto, ao longo alcance da expressão si mesmo, para o próprio significante. Haveria, por assim dizer, uma opacidade, uma inconsistência na própria estrutura significante, o que nos obriga a concluir que não há um ponto de fechamento do discurso, mais ainda, “não há universo de discurso”. Traduzimos tal assertiva clinicamente com a constatação que sempre haverá o que não se pode dizer. Isso não significa tomar o discurso analítico como impossível, tampouco desvalorizá-lo. Trata-se de um impasse que é, sobretudo, lógico-matemático. O presente artigo, portanto, dedica-se em apresentar a radicalidade da inconsistência lógica do Outro como um correlato de uma convocação ao que Lacan cha-

ma de “espírito da psicanálise” em um pronunciamento que faz a sua Escola.

**Palavras-chave:** inconsistência, lógica-matemática, Outro, discurso, espírito da psicanálise.

## THE LOGICAL INCONSISTENCY OF THE OTHER... OR THE “SPIRIT OF PSYCHOANALYSIS”

### Abstract

“The essence of psychoanalytic theory is a discourse without words”, Lacan says in the first class of the Seminar, book 16, *From an Other to the other*. Where can the paradox of this sentence send us to? First of all, according to Lacan, a signifier cannot represent itself. This takes us, therefore, to the long scope of the expression *itself* for the signifier proper. There would be, so to speak, an opacity, an inconsistency in the signifier structure itself, which leads us to conclude that there is no closing point of discourse, even more, “there is no universe of discourse”. We clinically translate such statement verifying that there will always be what cannot be said. That does not mean taking the analytic discourse as impossible, nor devalue it. It is an impasse that is, above all, a logical-mathematical one. Hence this paper presents the radicality of the logical inconsistency of the Other as a correlate of a call to what Lacan names “spirit of psychoanalysis” when addressing his School.

**Keywords:** inconsistency, logical-mathematical, Other, discourse, spirit of psychoanalysis.

## L'INCONSISTANCE LOGIQUE DE L'AUTRE...OU « L'ESPRIT DE LA PSYCHANALYSE »

### Résumé

«L'essence de la théorie psychanalytique est un discours sans parole», affirme Lacan dans la première leçon du séminaire, livre 16, *D'un Autre à l'autre*. À quoi nous renvoie le paradoxe de cette phrase ? Tout d'abord, avec Lacan, il est possible

<sup>1</sup> Psicanalista. Mestre em Pesquisa e Clínica Psicanalítica pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ/RJ); Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ/RJ); Professora da Especialização em Psicanálise, Subjetividade e Cultura da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF/MG). [a.britto@terra.com.br](mailto:a.britto@terra.com.br)

<sup>2</sup> Psicanalista. Doutora em Psicologia – UFRJ; Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise–PPGSA/UERJ; Pesquisadora da Rede Inter-universitária de Pesquisa Escritas da Experiência; Editora de Opção Lacaniana online nova série ([www.opcaolacaniana.com.br](http://www.opcaolacaniana.com.br)); Membro da EBP/AMP. [helocaldas@terra.com.br](mailto:helocaldas@terra.com.br)

d'arriver à la thèse selon laquelle un signifiant ne saurait se représenter lui-même, ce qui conduit donc à la grande portée de l'expression *soi-même* pour le signifiant. En conséquence, ce dernier aurait une opacité, une inconsistance, pour ainsi dire, dans la structure signifiante elle-même, ce qui nous oblige à conclure qu'il n'y a pas de point de clôture du discours, et plus encore, qu'il n'y a pas « d'univers du discours ». Nous traduisons cette déclaration cliniquement avec la constatation qu'il y aura toujours ce qui ne peut pas être dit. Cela ne signifie pas que l'on prenne le discours analytique comme impossible, ni qu'il en soit dévalorisé. C'est une impasse qui est, avant tout, logico-mathématique. Cet article présente donc la radicalité de l'inconsistance logique de l'Autre comme un corrélat d'un appel à ce que Lacan nomme « l'esprit de la psychanalyse », dans un discours qu'il adresse à son École.

**Mots-clés** : inconsistance, logico-mathématique, Autre, discours, esprit de la psychanalyse.

## LA INCONSISTENCIA LÓGICA DEL OTRO... O EL "ESPÍRITU DEL PSICOANÁLISIS"

### Resumen

“La esencia de la teoría psicoanalítica es un discurso sin palabra”, afirma Lacan en la primera clase del seminario, libro 16, *De un Otro al otro*. ¿A qué nos puede remitir la paradoja de esta frase? En primer lugar, es posible llegar con Lacan a la tesis de que un significante no puede representarse a sí mismo, llevándonos, por tanto, al largo alcance de la expresión *sí mismo* para el propio significante. Habría, por así decir, una opacidad, una inconsistencia en la propia estructura signifiante, lo que nos obliga a concluir que no hay un punto de cierre del discurso, más aún, “no hay universo de discurso”. Traducimos tal afirmación clínicamente con la constatación de que siempre habrá lo que no se puede decir. Eso no significa tomar el discurso analítico como imposible, tampoco desvalorizarlo. Se trata de un impasse que es, sobre todo, lógico-matemático. El presente artículo, por tanto, presenta la radicalidad de

la inconsistencia lógica del Otro como un correlato de un llamado a lo que Lacan denomina “espíritu del psicoanálisis” en un pronunciamiento que hace a su Escuela.

**Palabras clave:** inconsistencia, lógica-matemática, Otro, discurso, espíritu del psicoanálisis.

Recibido: 10/04/12 Evaluado: 06/08/12 Aprobado: 2/09/12

O presente trabalho é consequência extraída dos primeiros dois anos de investigação de uma tese de doutorado, realizado na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), no Programa de pós-graduação em psicanálise, sob a orientação de uma das autoras deste artigo. O tema desta pesquisa tem como eixo fundamental a transmissão da psicanálise na contemporaneidade, precisamente, nas modalidades de testemunho e das escritas de si. Interrogamos, portanto, quais têm sido as incidências do contemporâneo sobre as relações do sujeito com a linguagem e o real, ou, dito de outra forma, como poderíamos localizar os efeitos de um Outro inconsistente sobre os sujeitos contemporâneos.

### **De um “discurso que é sem palavras” ao “o que não se pode dizer”**

É inegável o esforço de Lacan, já nos primeiros anos de seu ensino, em re-situar a psicanálise, sobretudo, como uma experiência que se realiza eminentemente no campo da linguagem, colocando em jogo a importante função da fala. Basta dizer que, desde Freud, precisamente, com os analistas pós-freudianos, a centralidade do campo da linguagem para a psicanálise caíra no total abandono e esquecimento. Embora em o Discurso de Roma (1953), já se tivesse destacado o registro do simbólico, a partir da articulação do sujeito com a linguagem e o significante, é somente a partir do encontro com a lingüística de Saussure que Lacan vai melhor situar a tese central desse momento de seu ensino, demarcada pela prevalência do simbólico sobre o real. Trata-se, portanto, de tomar o inconsciente estruturado como linguagem, deixando claro que “para-além dessa fala, é toda a estrutura da linguagem que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente”. (Lacan, 1957 /1988b: 135).

De modo surpreendente, já em 1970, em O seminário, livro 18, *De um discurso que não fosse do semblante*, Lacan irá afirmar que “tudo o que é da linguagem tem a ver com o sexo, mantém certa relação com o sexo, porém precisamente pelo fato de a relação sexual, pelo menos até o presente, não poder de modo algum inscrever-se nela” (Lacan, 1970-71/2009: 122). Eis aí, podemos dizer, uma das questões cruciais da psicanálise: a relação sexual, cujo maior impasse lógico, conforme pretendemos tratar no presente trabalho, é não existir, é não ser passível de ser inscrita. Nesta direção, é ao se deparar com o real do sexo, como impasse à própria estrutura da linguagem, que Lacan se vê obrigado, digamos, a começar a “acomodar a reintrodução do real” na estrutura (Miller, 2008: 107).

E é exatamente em O seminário, livro 7, *A ética da psicanálise*, em que são dados os primeiros passos rumo a tal direção, rumo ao real, pela via de das Ding, a Coisa freudiana, tomada por Lacan como o primeiro

exterior do sujeito, que também é, ao mesmo tempo, o estranho e o mais íntimo do sujeito. Trata-se do “Outro pré-histórico, inesquecível que ninguém atingirá nunca mais” (Lacan, 1959-60/1997: 73). Por sua posição, digamos, êxtima, das Ding estaria situada no “âmago do mundo subjetivo” ou, se preferirmos, no centro do mundo simbólico, tributário das relações significantes.

Nesta direção, a ordem simbólica irá se apresentar intimamente ligada à ex-timidade de das Ding, na medida em que, ao se operar sua própria extração, em só um golpe, tem-se a constituição da cadeia significante e a demarcação de um mundo anterior ao simbólico, ao qual denominamos de real. Pode-se dizer ainda que, neste momento de seu ensino, Lacan apresenta das Ding como uma espécie de ponto inicial do mundo no psiquismo, em razão desta também instaurar uma orientação do sujeito em direção ao objeto perdido, não sem conferir a tal busca um estatuto desejante. Caberia aqui, uma ressalva sobre esse objeto, ao qual se poderia qualificá-lo de perdido, já que “esse objeto, em suma, nunca foi perdido, apesar de tratar-se essencialmente de reencontrá-lo” (Ibidem: 76).

Desembocamos, assim, na importante e espinhosa questão da origem. O que Lacan, então, propõe-nos é a interessante possibilidade de pensarmos o objeto como sendo perdido, no entanto, em um tempo a posteriori à incidência da linguagem. Assim, para que esse objeto se faça existir, é necessário que o significante lhe confira consistência. Curiosamente, veremos mais adiante, através dos recursos da lógica matemática, que o preço da consistência é exatamente a incompletude. Daí Lacan situar das Ding como “fora-do-significado” (Lacan, 1959-60/1997: 71), isto é, trata-se de um ponto vazio de qualquer significação possível, mas não fora da linguagem, nem tampouco anterior a ela.

Eis que ao introduzir o real, através de das Ding, Lacan nos apresenta, portanto, outra dimensão do significante, qual seja a de que haveria implicações do significante no real e que, por tal motivo, o significante não deve ser pensando somente encadeado na cadeia significante. Mais que isso, poderíamos dizer que nem tudo é significante. É o que convoca Lacan a pensarmos, com sua frase emblemática, proferida na primeira aula, de O seminário, livro 16, *De um Outro ao outro*: “a essência da teoria psicanalítica é um discurso sem fala” (1968-69/ 2008: 14). A que nos remete o paradoxo desta frase? Já de saída, é possível extrairmos a tese de que “um significante não pode representar a si mesmo” (Ibidem: 20, grifo nosso), levando-nos a pensar qual seria o alcance da expressão si mesmo, para o próprio significante.

Segundo Lacan, haveria uma opacidade no significante, na medida em que, se tomarmos o significante como aquilo que representa o sujeito para outro significante, torna-se inevitável concluir que “ninguém saberá nada dele, exceto o outro significante. E o outro significante não tem cabeça, é um significante” (Ibidem: 21). Com certeza, tal constatação não é sem conseqüências, em especial, no que se refere ao sujeito, que se vê

aí, nesta operação, como nos diz Lacan, “sufocado, apagado, no instante mesmo em que aparece”, fazendo-nos perguntar: “Como é que alguma coisa desse sujeito que desaparece por ser o que surge, que é produzido por um significante para se apagar prontamente em outro, pode se constituir e, no fim, fazer-se tomar [...] por algo que se satisfaz por ser idêntico a si mesmo?” (Ibidem).

O que a presente pergunta nos propõe não é outra coisa senão considerarmos que, seja qual for a forma em que o sujeito se produza, para que se possa reunir em seu representante significante, é fundamental que, pela via da repetição, uma perda radical esteja aí implicada. Podemos seguramente chamá-la de objeto *a*. Conforme já afirmamos, nem tudo é significante, há, pois, o objeto *a*, cuja função essencial Lacan faz questão de situar, recorrendo ao que há de inaugural no discurso de Marx: o que se chama mais-valia. Para Lacan, haveria, então, uma homologia, isto é, uma espécie de semelhança de estruturas entre o discurso de Marx e o discurso analítico, senão, vejamos.

Marx parte da função do mercado, situando-o como mercadoria, passível de ser comprado. Haveria, por assim dizer, um mercado de trabalho, em que se remunera o trabalho com dinheiro, tal como a função do valor de troca o define no mercado. No entanto, haveria ainda um valor daquilo que aparece como fruto do trabalho, não passível de ser remunerado, embora fosse pago de maneira, digamos, justa em relação à consistência do próprio mercado. Eis aí a mais-valia que, para Lacan, pode ser tomada como causa do discurso do pensamento de Marx, exatamente por estar a ela implicada uma renúncia, uma perda de gozo. Nas palavras de Lacan: “o que há de novo é existir um discurso que articula essa renúncia e que faz evidenciar-se nela o que chamarei de função de mais-de-gozar. É essa a essência do discurso analítico” (Ibidem: 17) que, tal como o discurso de Marx, demonstra através da renúncia ao gozo, um efeito do próprio discurso, permitindo-nos também isolar a função do objeto *a*.

O mais-de-gozar também é o operador que pode nos permitir avançar no discurso analítico, isto é, ir além do significante, afinal sua presença nos impede de para sempre apreender o sujeito como tal, ainda que este seja causado pela relação entre significantes. Ao transpormos essas importantes formulações para a clínica, verificamos que desde Freud, o sintoma, além de uma alternativa à satisfação, jamais deixou de ser um enigma. Lacan, por sua vez, preocupou-se com que a decifração indicada por Freud se afastasse das embulhadas de interpretação de sentido. Sua proposta inicial foi extrair o sentido do sintoma a rigor, ou seja, ao pé da letra. Para ele, nunca foi possível relacionar a interpretação do sintoma com o sentido, sempre apontando, em seu ensino a faceta real do sintoma, isto é, as incidências do objeto *a*, que promovem sua própria resistência à significação, sua impossibilidade no dizer. (Caldas, 2007: 62)

Daí podermos também afirmar que, no campo psicanalítico, nenhuma harmonia, como quer que tenhamos que designá-la, é admissível. Basta dizer que, conforme nos ressalta Lacan, não há um ponto de fechamento do discurso, mais ainda, “não há universo de discurso” (Ibidem: 14), o que nos faz concluir que sempre haverá o que não se pode dizer. Isso não significa tomar o discurso analítico como impossível, tampouco desvalorizá-lo. Trata-se de um impasse que, como abordaremos a seguir, é, sobretudo, lógico-matemático.

### **A inconsistência lógica do Outro... ou o “espírito da psicanálise”**

Conforme falávamos anteriormente, “não há universo do discurso”, melhor dizendo, haveria uma impossibilidade de uma consistência completa do discurso. Ao nos remetermos à experiência analítica, por excelência, veremos que ela só faz reafirmar tal impasse, afinal, é da instauração de um discurso, não sem a regra fundamental que se trata sempre em uma análise. O sujeito, ao tomar a palavra, fica, assim, dispensado de sustentar seu discurso, isto é, de sustentar aquilo que enuncia com um eu digo. Ora, falar é diferente de afirmar eu digo. Segundo Lacan, “se aquilo que fala viesse a aparecer, certamente o analista se fecharia [...]. Mas isso é justamente o que não acontece, ou que, quando acontece, merece ser pontuado de maneira diferente” (Ibidem: 20). Estamos aqui no terreno da verdade, que fala, que é pura articulação e que, por conseguinte, fica presa e suspensa entre os dois registros, circunscritos por Lacan como o do Outro e do pequeno a.

Se a verdade fala, ou como acrescenta Lacan, “não passa de um grito mudo” (Ibidem: 24), que só faz nos causar embaraço e comoção, onde estaria, então, a verdade? Eis que é em tudo aquilo que corresponde à função do a que é onde reside a verdade. Desse modo, se o Outro, até o presente momento do ensino de Lacan, era tomado como o campo da verdade, ou seja, como o lugar em que o discurso do sujeito ganharia consistência e também onde ele se colocaria para oferecer a ser ou não refutado, agora, depreende-se que é um Outro, sobretudo, inconsistente de que se trata. Para Miller, trata-se de um Outro “folheado”, que “apresenta uma estrutura indefinidamente repetida que é o objeto a” (Miller, 2008: 20). Fazer coincidir a estrutura com o objeto a é o mesmo, portanto, que constatar que “a estrutura deve ser tomada no sentido que é mais real, em que é o próprio real” (Lacan, 1968-69/2008: 30).

Nesse nível, torna-se inevitável perguntar: o que no Outro, pode, então, responder ao sujeito ou qual seria seu verdadeiro esteio? De modo, no mínimo, desconcertante, Lacan nos mostra:

Nada senão aquilo que produz sua consistência e sua ingênua confiança em que ele é como eu. Trata-se, em outras palavras, do que é seu verdadeiro esteio – *sua fabricação como objeto a*. Não há nada diante do sujeito senão ele, o um-a-mais entre tantos outros, e que de modo algum pode res-

*ponder ao grito da verdade, mas que é, muito precisamente, seu equivalente – o não-gozo, a miséria, o desamparo e a solidão. Tal é a contrapartida do a, desse mais-de-gozar que constitui a coerência do sujeito enquanto eu. (Ibidem: 24-25, grifo nosso).*

Lacan não pára por aí. A radicalidade da inconsistência do Outro é algo demonstrável, segundo ele, pela via da lógica-matemática, campo pelo qual ele não se interessa despretensiosamente. Ao contrário, chama-lhe atenção, tal como todo discurso científico, o fato do campo da lógica promover o que ele chama de redução do material, que consiste em substituir alguns elementos da linguagem, tomados em sua sintaxe natural, por uma simples letra. Assim, é a partir do momento que se introduz, por exemplo, um A e um B, que se pode formular “um certo número de axiomas e de leis dedutivas que merecerão o título de articulações metalinguísticas, ou, se preferirem, paralinguísticas” (Ibidem: 34).

Mas, é preciso salientar que a lógica, ao longo de sua história, veio sofrendo progressos e foi por estes que Lacan se guiou. A lógica clássica ou formal, fundada por Aristóteles, pouco interessou à matemática. E o que Lacan chama de progresso da lógica estaria justamente no fato da matemática se interessar pelo seu campo. Nesta direção, em seguida à lógica aristotélica, matemáticos como Morgan e Boole inauguraram uma nova era com a chamada lógica simbólica. Outro avanço veio com Frege, através das fórmulas dos quantificadores. O interessante é que “mais do que tratar a lógica como um ramo da matemática, o que se buscou foi estabelecer a lógica como fundamento da matemática, na esteira da subversão aberta por Cantor com a sua teoria dos conjuntos” (Barreto, 2010: 110). Daí a expressão “lógica-matemática”.

De modo surpreendente, o que de fato abalou todo o ideal matemático e as pretensões de se construir uma doutrina consistente e completa foi o chamado paradoxo de Russell. É importante acrescentar que Lacan, em determinado momento de seu ensino, lançou mão, com frequência de alguns recursos da lógica, tais como: o transfinito de Cantor, o grupo de Klein, a teoria dos números de Peano, a escrita ideográfica de Frege, o teorema de Gödel e, por fim, o paradoxo de Russel. Todos estes, por sua vez, conduziram a lógica significativa a uma elaboração cada vez mais complexa. Contudo, dado a enormidade do tema, vamos nos deter, por ora, no paradoxo de Russel, tomado por muitos como uma verdadeira “bomba atômica conceitual”. Não é sem razão que Miller chega a afirmar de modo enfático: “este é, talvez, o esquema sobre o qual Lacan mais refletiu durante toda a sua vida. Este é quase o núcleo do ensino de Lacan” (Miller, 1997: 564).

Mas, afinal, o que é o paradoxo de Russell? Bertrand Russell foi um lógico inglês, que nasceu no final do século XIX e marcou definitivamente a história da lógica matemática, justamente por demonstrar que a teoria dos conjuntos de Cantor tropeça, desde o primeiro passo, em um paradoxo, que também pode ser demonstrado, em sua forma mais popular, através da história de um barbeiro, também conhecida como o paradoxo do Barbeiro. Trata-se de uma aldeia onde um barbeiro faz a barba de todos os homens que não se barbeiam

sozinhos e não faz a barba de quem se barbeia sozinho. Ora, tal aldeia não poderia existir. Se o barbeiro é um homem que não se barbeia sozinho, então ele deve fazer a barba de si, tornando-se um homem que se barbeia sozinho, ou se ele é um homem que se barbeia sozinho, então ele deve parar de fazer a própria barba, tornando-se um homem que não se barbeia sozinho. A regra resulta num paradoxo, pois o barbeiro ao mesmo tempo deve e não deve fazer a própria barba, na verdade, uma proposição indecidível, sobre a qual não é possível decidir logicamente se é verdadeira ou falsa. (Ibidem: 563).

Pode-se também formular o paradoxo de Russel a partir de uma pergunta: o conjunto de todos os conjuntos que não pertencem a si próprios pertence ou não a si próprios? Dito de outra forma, se o conjunto de todos os conjuntos que não pertencem a si próprios pertence a si próprio, então ele é completo, mas é inconsistente, pois inclui um conjunto que pertence a si próprio. Se o conjunto de todos os conjuntos que não pertencem a si próprios não pertence a si próprio, então ele é consistente, mas é incompleto, pois deixa fora um conjunto que não pertence a si próprio (Ibidem: 564). Facilmente também é possível transformarmos esse incrível impasse lógico para a relação significante, que é, sobretudo, uma relação de conexão, ou como Lacan sugere uma relação de “pertença”, exatamente pelo próprio significante, conforme já o mencionamos no início deste trabalho, não poder se significar a ele mesmo, portar em sua estrutura uma opacidade.

Desse modo, se tomarmos o próprio do conjunto dos significantes, o que se constata é que há alguma coisa que não pertence a esse conjunto, alguma coisa ficaria de fora, não sendo possível reduzir a linguagem a um todo, isto é, a um conjunto fechado. Por isso, adverte-nos Lacan, “escrevemos  $S(\mathcal{X})$ , significante do A maiúsculo barrado, para indicar essa falta [...] essa falta é uma falta no significante” (Lacan, 1968-69/2008: 48), diferente de se considerar a falta de um significante. A importância do paradoxo de Russell é, portanto, fazer surgir a impossibilidade do todo, colocando em jogo que, em um conjunto, haverá sempre um elemento suplementar ou um déficit, “um conflito em menos e em mais” (Miller, 1997: 566). Torna-se, assim, evidente como a lógica matemática porta a marca do impasse sexual, isto é, a marca da não-inscrição da relação sexual na linguagem.

Embora não seja o cerne deste trabalho se deter na enorme amplitude das questões referentes às fórmulas quânticas da sexuação, propostas por Lacan, em O seminário, livro 20, *Mais ainda*, é imprescindível salientar como o impasse lógico, demonstrado pelo paradoxo de Russell, dá estofa à escrita tanto da sexuação masculina quanto feminina. Eis que do lado masculino, há um elemento que se escreve sempre, um mais um, um menos um. Sendo assim, “o paratodo, ou o todo-homem, só se constitui mediante a introdução no interior do conjunto de uma exceção, à lei da castração [...]” (Barreto, 2010: 112). Neste caso, a completude se obtém às custas de certa inconsistência, inconsistência do próprio significante.

Já do lado feminino, tem-se a impossibilidade de fazer o todo, de constituir o uno, ao contrário, fica-se no múltiplo, no não-todo, porque haverá um elemento que mesmo apresentando uma propriedade do conjunto, não irá pertencer ao conjunto. Daí não ser possível o conjunto de todas as mulheres. Tal é o preço da consistência: a incompletude, ou tal é relação de cada um de nós em sermos para o Outro um-a-mais entre tantos outros, de encontrarmos nosso esteio no próprio vazio.

Como, então, virar-nos com o próprio vazio? Será que a psicanálise, como clínica lacaniana do real, daquilo que não se pode dizer, propõe-nos frente a isso, a conformidade, o pragmatismo e até mesmo a inibição? Claro que não! Ao contrário, o que Lacan vai nos mostrar é que é exatamente o impasse lógico que representa, o que convoca o “espírito da psicanálise”.

### **Uma decisão!**

Ao apresentar suas proposições de nove de outubro, que eram três, perante à assembléia de sua Escola, Lacan se depara com uma inconsistência, que o faz pensar que poderia resultar no chamado “efeito Condorcet”. Filósofo e matemático francês, Condorcet acreditava que o desenvolvimento científico e os procedimentos democráticos de governo promoveriam o progresso moral e material da sociedade demonstrando, ao mesmo tempo, que a vontade coletiva, expressa pelo voto individual, poderia se mostrar intransitiva e conter, portanto, um elemento de irracionalidade.

Em outras palavras, o efeito ou paradoxo de Condorcet designa um resultado inconsistente, quando se tem uma escolha (A) dominando outra (B) e esta, uma terceira (C). A terceira (C), no entanto, domina a primeira, o que exclui que disso nada conclua. Daí Lacan afirmar que “ele [efeito condorcet] seria aqui, assustadoramente significativo de uma carência do que chamamos de espírito da psicanálise”. (Lacan, 2003, 301). Eis que a carência, a falta, a opacidade, por fim, a inconsistência lógica do significante e do Outro, conforme tentamos circunscrever ao longo deste trabalho, só faz convocar, para Lacan, o espírito da psicanálise. Mas, caberia ainda perguntar: o que disso resultaria? Vejamos.

É preciso acrescentar que o impasse apontado por Condorcet se tornou aflitivo para cientistas políticos e sociais, tomado por muitos autores como equivalente aos teoremas de inconsistência de Kurt Godel. No entanto, foi Kenneth Arrow, vencedor do prêmio Nobel de economia de 1972, quem formulou com melhor precisão tal problemática, enunciando cinco condições fundamentais, essenciais a todo regime democrático. Segundo Arrow, seria impossível fazer prevalecer a vontade da maioria sem infringir algumas condições por ele enunciadas, todas elas visando reunir preferências individuais dentro de uma possível eleição coletiva (Eps-

tein, 1997: 283). Em síntese, não é possível atingir um bem comum, não é possível um gozo todo compartilhado, na medida em que sempre haverá uma incompatibilidade lógica entre preferências individuais e escolhas coletivas.

Diante de tal impasse, Arrow propõe que, mais além de toda unanimidade, o interesse geral só poderia determinar-se pela opinião de um só, ou melhor, pela tomada de decisão. Eis que tal assertiva certamente irá interessar a Lacan, mais precisamente ao dispositivo da Escola. Afinal, se uma incompatibilidade lógica só faz convocar o espírito da psicanálise, então, o que disso pode só resultar, conforme nos orienta Lacan, é apelarmos para a decisão, é preciso dizer, uma boa decisão! É preciso a decisão de um, não do um como tirano, sob os auspícios do supereu, mas sim em sua função de exceção, de menos um. O espírito da psicanálise, portanto, encarnado em suas distintas funções deve permitir, ou melhor, provocar a boa decisão, se quiser, boa decisão sobre o gozo, mas somente para alguns!

## Referências Bibliográficas

- Barreto**, F. B. (2010) O homem e a mulher, a lógica e a psicanálise. *Opção Lacaniana: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, 56/ 57. São Paulo, Brasil: Eolia.
- Caldas**, H. (2007) *Da voz a escrita: clínica psicanalítica e literatura*. Rio de Janeiro, Brasil: Contra Capa editora.
- Epstein**, I. (1997). *O paradoxo de Condorcet e a crise da democracia representativa*. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v11n30/v11n30a17.pdf>
- Lacan**, J. (1998a) Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953). Em: *Escritos*. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar.
- Lacan**, J. (1998b) A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). Em: *Escritos*. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar.
- Lacan**, J. (1997) *O seminário, livro 7: A ética da psicanálise (1959-1960)*. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar.
- Lacan**, J. (2008) *O seminário, livro 16: De um Outro ao outro (1968-1969)*. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar.
- Lacan**, J. (2009) *O seminário, livro 18: De um discurso que não fosse semblante (1970-71)*. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar.
- Lacan**, J. (1985) *O seminário, livro 20: Mais, ainda (1972-1973)*. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar.
- Miller**, J-A. (1997) *Lacan elucidado: palestras no Brasil*. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar.
- Miller**, J-A. (2008) Uma leitura do seminário: De um Outro ao outro. *Opção Lacaniana: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, 51 São Paulo, Brasil: Eolia.